



Alunos surdos e suas multiplicações: interlocuções com a Etnomatemática

Francisca Melo Agapito¹

Ieda Maria Giongo²

Morgana Domênica Hattge³

Resumo do trabalho: O presente texto tem como objetivo analisar as matemáticas produzidas por alunos surdos do 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental sobre modos de operar com a multiplicação. Para tanto, utiliza a base teórica da Etnomatemática e seus entrecruzamentos com os pensamentos de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein. A metodologia é de cunho qualitativo, e o material empírico, constituído de observações, excertos de filmagens, materiais produzidos pelos alunos e registros em diário de campo das pesquisadoras. O *lócus* da investigação foi uma escola bilíngue para surdos do Município de Imperatriz/MA, tendo como participantes duas professoras e oito alunos, sendo quatro em cada turma. O escrutínio do material mostrou que os discentes surdos apresentam distintas formas de realizar cálculos com multiplicação, como jogos de linguagem que apresentam semelhanças e diferenças com a Matemática Escolar.

Palavras-chave: Jogos de linguagem; alunos surdos; Etnomatemática.

Território investigativo: educação bilíngue para surdos

Este trabalho explicita algumas possibilidades que a Etnomatemática apresenta ao valorizar produções de grupos culturais. Realçamos que se trata de uma investigação mais ampla, em andamento; e, em particular, neste texto, imbuímo-nos de analisar as matemáticas produzidas por alunos surdos do 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental sobre modos de operar com a multiplicação. Os pesquisados são oriundos de uma escola bilíngue para surdos, o que nos leva a traçar algumas considerações a esse respeito.

Na educação de surdos, enfocamos a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da Lei n.º. 10.436/02, seguida de sua regulamentação com o Decreto n.º 5.626/05, como conquistas desse grupo cultural, que cunharam condições de possibilidade para discussões e implementação da educação bilíngue em escolas específicas (BRASIL, 2005). Nesse direcionamento, as possibilidades para a construção de aprendizagens são efetivas, pois levam em consideração as especificidades linguística e cultural desses

¹Universidade Federal do Maranhão-UFMA, E-mail: franciscaagapito@gmail.com

²Universidade do Vale do Taquari, E-mail: igiongo@univates.br

³Universidade do Vale do Taquari, E-mail: mdhattge@univates.br



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



sujeitos, buscando, assim, uma inclusão educacional e social efetiva. Nesse sentido, ecoam ideias que podem ser associadas ao campo da etnomatemática, cujos pesquisadores têm se preocupado em examinar, dentre outros, especificidades nos modos de contar de distintos grupos culturais.

Em efeito, a educação bilíngue, sendo praticada em escolas destinadas para tal fim, é uma das reivindicações marcantes da comunidade surda, o que resultou na implementação de muitas escolas dessa modalidade. Como exemplo, podemos citar o educandário em que esta investigação vem se realizando. De fato, elas têm se constituído em elos que permitem aos surdos terem seus artefatos culturais valorizados (STROBEL, 2008), isto é, o modo como apreendem o mundo em seu entorno, na sua língua natural, entre outros.

Alinhado aos aspectos supracitados, está o ensino das disciplinas que compõem o currículo escolar. Assim, a Matemática segue o mesmo trilha, ou seja, a mediação do ensino/aprendizagem deve partir das características que oportunizam os alunos surdos compreenderem e construir conceitos matemáticos. Nessa lógica, inferimos que muitas são as possibilidades que esses espaços apresentam para mediar outros modos de fazer matemáticas, dada a valorização das especificidades do grupo que ali se situa, o que nos permite realizar interlocuções com a Etnomatemática, que investiga as matemáticas produzidas por grupos sociais variados (KNIJNIK et al., 2013). Logo, ao localizarmos o nosso território investigativo, realizamos alguns apontamentos sobre a Etnomatemática, buscando traçar aproximações com o ensino de alunos surdos.

Interlocuções da Etnomatemática com os saberes de alunos surdos

A Etnomatemática é um campo da educação matemática que investiga o saber/fazer de grupos culturais distintos sobre as matemáticas produzidas no contexto que estão imersas (D'AMBRÓSIO, 2005). Levando em consideração a crescente amplitude de investigações realizadas nesse campo da educação matemática, destacamos que, dentre variadas vertentes, a condução de nossa pesquisa tem como baliza teórica os estudos



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



realizados por Knijnik et al. (2013, p. 28). A definição a seguir explicita nosso posicionamento:

[...] temos concebido nossa perspectiva etnomatemática como “uma caixa de ferramentas” que possibilita analisar os discursos que instituem as Matemáticas Acadêmica e escolar e seus efeitos de verdade e examinar os jogos de linguagem que constituem cada uma das diferentes Matemáticas, analisando suas semelhanças de família.

Assim, a partir da caixa de ferramentas “[...] das “oficinas” dos filósofos austríacos (Wittgenstein) e franceses (Deleuze e Foucault)” (KNIJNIK et al, 2013, p. 28), é possível examinarmos verdades sobre os discursos acerca da Matemática Escolar e Acadêmica. Esse aspecto nos permite pensar em outras matemáticas que estão fora desse parâmetro difundindo socialmente. Logo, pensar em outros modos de lidar com cálculos, medidas, entre outros, como realizam alunos surdos no contexto de seu grupo cultural, torna-se plausível.

De igual modo, podemos analisar os jogos de linguagem e semelhanças de família que constituem distintas matemáticas. Importa destacar que, neste texto, adotamos essa perspectiva, em especial, para analisar o objeto de estudo que move a presente investigação. Nesse sentido, ancoramo-nos nos estudos de Wittgenstein em seu período da maturidade ao desnaturalizar a linguagem como algo estático, uma essência permanente. Assim, o filósofo evidencia a existência de variadas linguagens que adquirem sentido conforme o uso que fazemos delas. Em efeito, “Nas *Investigações*, a noção de uso (*Gebrauch*) é de importância decisiva na nova concepção de linguagem apresentada por Wittgenstein” [grifos do autor] (CONDÉ, 2004, p. 46).

Nessa mesma direção, Junges e Wanderer (2018, p. 35) complementam que “[...] Em uma abordagem wittgensteiniana, a concepção de linguagem está relacionada ao uso que é feito da palavra ou expressão em determinada situação e contexto”. Assim, por conta desse cenário, a palavra apresenta certo sentido conforme a forma de vida em que está envolta, ou seja, “[...] sem que se conheçam os jogos nos quais os indivíduos estão inseridos, não é possível compreender o sentido da linguagem empregada” (IBIDEM, p. 35).



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Em efeito, nesse referencial, o exame acerca dos jogos de linguagem assume centralidade, visto que as possibilidades de uso fazem emergir múltiplas linguagens, isto é, de acordo com filósofo “[...] novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem surgem, outros envelhecem e são esquecidos” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 27). Nesse sentido, os argumentos aluídos pelo filósofo sobre como as linguagens se manifestam, sendo a multiplicidade a marca desse processo, formam uma das bases imprescindíveis às investigações da Etnomatemática. Desse modo, a existência de ‘linguagens’, contestando a ideia de uma linguagem universal, permite que haja também a refutação “[...] de uma linguagem matemática universal” (KNIJNIK et al., 2013, p. 29).

Percorrendo essa senda, ratificamos a ocorrência de distintas matemáticas que podem emergir em diferentes grupos culturais; logo elas “[...] podem ser entendidas como conjuntos de jogos de linguagem engendrados em diferentes formas de vida, agregando critérios de racionalidade específicos” (WANDERER, 2014, p. 208). Assim sendo, essa perspectiva nos permite agregar sujeitos surdos, visto que são um grupo cultural e inseridos em um contexto educacional bilíngue, que, potencialmente, praticam jogos de linguagem nas formas de vida em que estão imersos.

Nas escolas bilíngues para surdos, a Libras é a língua de instrução, e a Língua Portuguesa é ensinada na modalidade escrita (BRASIL, 2005). Esses ambientes propiciam que a cultura e identidade surdas sejam constituídas. Os aspectos que se remetem aos artefatos culturais desses sujeitos são valorizados no processo educativo e levam em consideração o modo de pensar, ser, agir nas relações que os rodeiam; enfim, as formas que possibilitam que as aprendizagens potencialmente se concretizem.

Retomando os jogos de linguagem, convém sublinhar o seu caráter flexível, o que exprime afirmar que há possibilidades de verificarmos semelhanças e ainda realizarmos analogias entre eles pois, assim como “[...] as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, andar, temperamento etc. etc. - E eu direi: os “jogos” formam uma família” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 52) dadas as possibilidades dessas semelhanças se sobreporem e se entrecruzarem.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Aditado a esse aspecto, o filósofo endossa que, além de semelhanças, os jogos de linguagem podem apresentar dissimilaridades. Sobre isso, Condé (2004, p. 57) desvela que Wittgenstein

[...] não está apenas interessado em criticar a ideia de um *fundamento comum* presente no conceito de essência ou de identidade construído pela tradição filosófica, mas também em mostrar que a dimensão “analógica” presente na concepção de *semelhanças de família* é muito rica de possibilidades (CONDÉ, 2004, p. 57).

Com base no excerto, evidencia-se que semelhanças e diferenças formam uma rede complexa de relações no interior dos jogos de linguagem, abrindo possibilidades para a dinâmica que apresentam. Nesse processo, as especificidades dos jogos permanecem intactas, visto que estão concatenados às suas devidas formas de vida. Reforçando essa ideia, Giongo (2008, p. 152), embasada em Wittgenstein e nas posições pós-estruturalistas, assevera: “Ao dizer que dois jogos possuem semelhanças de famílias, não se está fazendo alusão a uma identidade entre os jogos, apenas destacando que ambos têm aspectos semelhantes e que se distribuem ao acaso, sem uma suposta repetição uniforme”. Seguindo esse raciocínio, surge a dualidade semelhanças/diferenças que passam a coexistir conforme os jogos de linguagem são analisados.

O desenvolvimento das teorizações aqui realizadas nos permite induzir e estabelecer interlocuções com a Etnomatemática. Ratificamos que sujeitos surdos, como um grupo específico, com artefatos culturais (STROBEL, 2008), como por exemplo, apreensão de mundo visual, língua própria, estruturada de modo visual- espacial, que é a base para todas suas construções cognitivas, constituem uma forma de vida. Assim sendo, é possível realizar práticas matemáticas que ganham sentido no contexto de seus usos com jogos de linguagem que possuem semelhanças e diferenças. Seguindo as ideias apresentadas, nesse seguimento, enfocamos os caminhos percorridos para atingir o objetivo proposto, assim como alguns achados que emergiram do campo empírico da pesquisa acerca dos modos de alunos surdos operam com a multiplicação.

Dos traços metodológicos



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



O estudo tem como aporte as lentes metodológicas de Michel Foucault. Com o filósofo, compreendemos as Matemáticas Acadêmica e Escolar como discursos. Tal assertiva nos enseja problematizar a “[...] “verdade” que circula no discurso científico e também no escolar (Knijnik, 2016, p. 26)[grifos da autora], que as difundem como únicas potencialmente aceitas para produzir ciência. Ademais, essa verdade se situa “[...] no conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2017, p. 53).

Em efeito, nessa trilha, como o filósofo ensina, o essencial será não “[...] perguntar se esse ou aquele enunciado satisfaz a algum critério de verdade, mas é, sim, perguntar sobre como se estabelecem esses critérios” (VEIGA-NETO, 2017, p. 101). Ao abordarmos os jogos de linguagens e as semelhanças de família gestadas na forma de vida de alunos surdos de uma escola bilíngue, nosso propósito é apontar que, além das Matemáticas Acadêmica e Escolar, há outras matemáticas que podem ser produzidas, destacando saberes e fazeres de práticas específicas.

A pesquisa é de cunho qualitativo, e o material empírico escrutinado foi constituído nas turmas dos 4º e 5º dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola municipal de educação bilíngue para surdos, localizada em Imperatriz/MA, tendo como participantes oito alunos (quatro de cada turma) e duas professoras. Recebida a anuência da Secretaria de Educação do referido Município, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa por meio do parecer consubstanciado nº 3.152.273. Finda essa etapa, confeccionaram-se os convites e assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – pais e professores – e termo de Assentimento de menor aos alunos. A assinatura se deu em duas vias, sendo que uma permaneceu com as pesquisadoras.

Assim, amparadas nas ideias de Cervo, Bervian e Silva (2007), ou seja, por meio de um olhar atento, buscamos informações que fossem pertinentes ao objeto de estudo. Ademais, realizamos filmagens das aulas de Matemática. Por sua vez, a Libras – uma língua visual-espacial – mostrou-se produtiva por ser utilizada pelos alunos surdos, além de ser a língua de instrução no ambiente bilíngue pesquisado. No diário de campo, registramos as atividades do cotidiano de sala de aula.

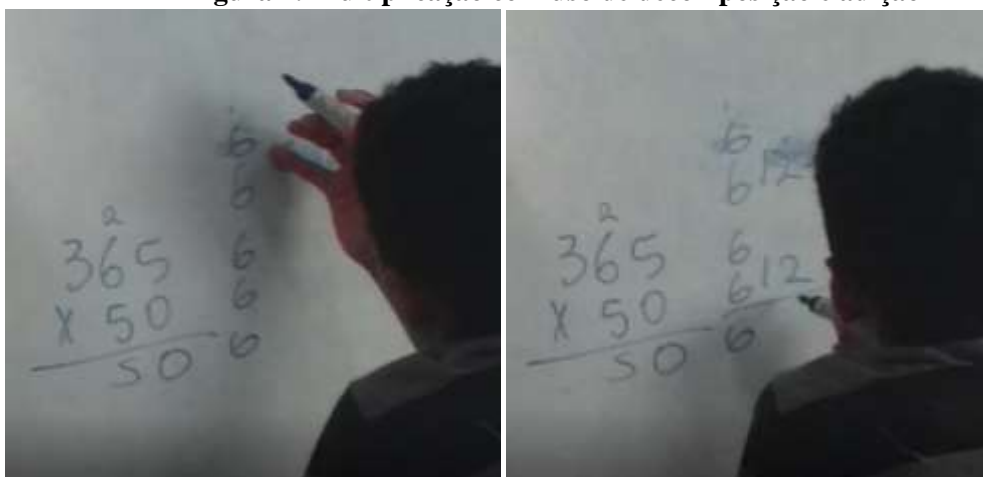
Aliado a isso, destacamos que os achados da pesquisa foram escrutinados a partir das recorrências que emergiram do cotidiano das aulas de Matemática. Por sua vez, os saberes surgiram dos entrecruzamentos nos modos de inferir, calcular; enfim, lidar com o conhecimento matemático nessa forma de vida específica. Salientamos ainda que tais saberes não são considerados dados prontos, mas sim possibilidades surgidas no momento da pesquisa. Em outras palavras, outros podem emergir diante de outros olhares. Nessa continuidade, expomos alguns resultados, evidenciando jogos de linguagem e semelhanças de família sobre formas de lidar com cálculos que envolvem multiplicação.

Multiplicações de alunos surdos: potencialidades Etnomatemáticas

Cumpramos informar que partilhamos das teorizações de Wittgenstein em seu período da maturidade, principalmente no que concerne aos jogos de linguagem e semelhanças de família, para realizar as análises sobre os modos de operar com a multiplicação de alunos surdos em um contexto educacional bilíngue. Estes, como um grupo cultural específico, têm comportamentos compatibilizados, práticas, objetivos comuns, além de uma língua própria e apreensão de um mundo eminentemente visual.

Conjugadas as questões acima apontadas, buscamos interlocuções com a Etnomatemática, visto que suas investigações se direcionam ao saber/fazer grupos culturais específicos. Dessa forma, visamos compreender os modos como os alunos surdos dos 4º e 5º anos lidavam com cálculos que envolviam multiplicação. De fato, identificamos outras formas de calcular conforme o exposto:

Figura 1: Multiplicação com uso de decomposição e adição

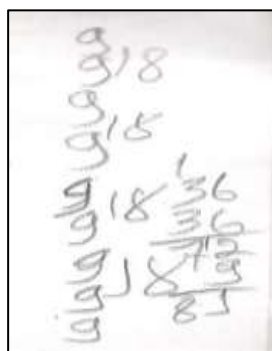


Fonte: Acervo das autoras (2019)

No cálculo de multiplicação com dois multiplicadores, na parcela 5×6 , o aluno surdo realizou a decomposição do algarismo 6. Em seguida, utilizou a adição em agrupamentos de 2 em 2, ou seja, $6+6=12$. Desse ponto em diante, houve uma nova junção dos resultados obtidos na primeira etapa da adição, isto é, $12+12=24$. Com o resultado 24, o discente usou o algarismo 6 que havia permanecido sem par, visto que o resultado da decomposição foi ímpar. Assim, ele somou $24+6=30$, obtendo o resultado.

Para uma melhor visualização do processo realizado pelo aluno, apresentamos a Figura 02, na qual aparece um registro escrito de outro cálculo, qual seja: 9×9 , envolvendo o processo descrito anteriormente.

Figura 2: Registro escrito do cálculo de multiplicação com uso de decomposição e adição



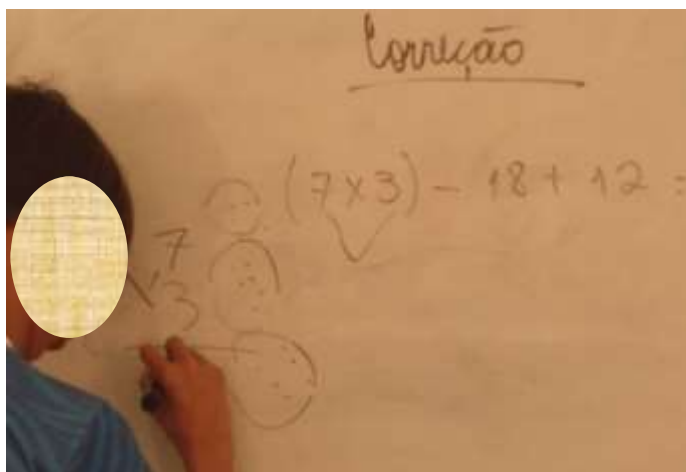
Fonte: Material produzido por um aluno (2019)

Ao analisarmos a forma de calcular realizada, constatamos que a estratégia utilizada pelo aluno se diferencia do que usualmente é ensinado na Matemática Escolar, ou seja, o cálculo de modo direto 5×6 . No entanto, ao analisarmos o processo de decomposição dos algarismos, mediante a realização de agrupamentos em pares uso da adição, denotamos que os jogos de linguagem ali gestados possuem semelhanças de família com aqueles ensinados através da Matemática Escolar. Os estudos empreendidos por Knijnik (2017, p.

50) revelam que “[...] a existência de jogos de linguagem de formas de vida escolares não-ocidentais que podem ser consideradas como "matemáticos", porque identificamos semelhanças famílias entre tais jogos e aqueles nos quais fomos escolarizados no mundo ocidental”.

Além disso, identificados outros modos de operar com cálculos que abrangiam a multiplicação. No conteúdo *expressões numéricas*, alguns alunos usaram círculos para fazer o processo de decomposição, acrescentando pontos no seu interior. Ressaltamos que, pelo fato dos surdos serem sujeitos que apreendem o mundo por meio da experiência visual, inferimos que os desenhos dos círculos se mostraram bem produtivos, contribuindo para o entendimento do cálculo proposto.

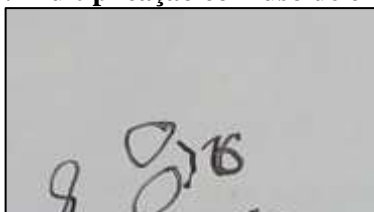
Figura 03: Multiplicação com uso de círculos e pontos em seu interior



Fonte: Acervo das autoras (2019)

Como podemos observar na Figura 03, o aluno fez três círculos e, no interior, os pontos representavam o algarismo 7. Após esse processo, o cálculo era registrado, ou seja, o algarismo 21, sem a utilização da adição, realizada na forma analisada anteriormente. Uma variação identificada no modo descrito acima também foi observada, ou seja, círculos sem pontos e o registro numérico por meio de agrupamentos em pares, seguido de adição. No cálculo da multiplicação 5×8 , da expressão numérica $72 + 4 - (5 \times 8)$, alguns discentes realizaram o seguinte procedimento:

Figura 04: Multiplicação com uso de círculos sem pontos





I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Fonte: material produzido por um aluno (2019)

Ao analisarmos os materiais produzidos pelos alunos, inferimos que os modos de operar com a multiplicação podem ser configurados como jogos de linguagem matemáticos. Com base nas teorizações que sustentam novas investigações, nas práticas realizadas no interior de diferentes formas de vida, é possível que emergjam jogos de linguagem com semelhanças com os praticados na Matemática Escolar e ainda apresentem uma gramática própria (KNIJINK, 2016). Isso implica dizer que, “[...] mesmo tendo semelhança com o jogo de linguagem escolar, apresenta especificidades” (IBIDEM, p. 25).

Ratificamos ainda que, na forma de vida analisada, foram identificados jogos de linguagem. Assim, averiguamos o uso de círculos com e sem pontos, agregando agrupamentos e adição. Nesse sentido, o escrutínio do material revelou que os atravessamentos ocasionaram variações. Em assonância ao exposto, Knijnik et al. (2013, p. 31), expressam que, em uma mesma forma de vida, pode haver semelhanças ou dissimilaridades “[...] dentro de determinados jogos ou de um jogo para o outro”. Esse aspecto converge com os estudos de Wittgenstein (2014, p. 52), que sustentam que, nesse processo, “[...] semelhanças aparecem e desaparecem”.

Acerca de algumas considerações

Neste texto, propusemo-nos a buscar interlocuções entre a Etnomatemática e algumas práticas realizadas por alunos surdos de escola bilíngue para surdos sobre seus modos de operar com a multiplicação. Nossa digressão se baseou na caixa de ferramentas teóricas dos filósofos Foucault e Wittgenstein, utilizadas por Knijnik et al. (2013) para



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



analisar os discursos sobre as Matemáticas Acadêmica e Escolar, seus efeitos de verdade. Ademais, a caixa nos possibilitou examinar jogos de linguagem e suas semelhanças de família entre matemáticas distintas.

Averiguamos que os alunos surdos pesquisados têm modos distintos de realizar cálculos de multiplicação daqueles difundidos pela Matemática Escolar, como foi o caso da expressão numérica que envolvia multiplicação (7x3). Os discentes em questão se serviram de regras próprias para desenvolver os cálculos, configurando um jogo de linguagem diferente do usualmente utilizado na Matemática escolar, isto é, o cálculo direto. Esse aspecto nos levou ao entendimento que, o grupo pesquisado, havia uma gramática específica. Ainda no rastro dos jogos de linguagem, constatamos semelhanças de família, pois os alunos usaram agrupamentos, decomposição e adição para obter as respostas.

Ademais, verificamos a existência de variações nos jogos presentes na forma de vida dos alunos surdos pesquisados, como expressa Wittgenstein (2014, p. 51) ao reforçar que podemos notar muitas confluências. No entanto, “[...] muitos traços comuns desaparecem, outros se apresentam”, ou seja, ao utilizarem os círculos, alguns traços permaneceram, e outros se dissiparam no desenvolvimento de suas racionalidades.

Logo, diante das considerações apresentadas e dos achados da pesquisa, ratificamos as potencialidades do campo da Etnomatemática ao traçarmos interlocuções com esse campo da educação matemática e os saberes dos alunos surdos pesquisados. Pensar em outros modos de lidar com conceitos matemáticos se mostrou extremamente produtivo, pois, ao possibilitar que a visualidade dos alunos surdos nos cálculos com círculos se manifestasse, facultou que esse artefato cultural servisse como canal para suas aprendizagens. Finalizamos evocando a produtividade da Etnomatemática diante do diálogo entre os fazeres e os saberes que emergiram do campo empírico, impedindo, dessa forma, a imposição de regras absolutas (KNIJNIK et al., 2013).

Referências

BRASIL. Presidência da República – Casa Civil. Legislação - **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 02/09/2019 às 11:02.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CONDÉ, M. L. L. **As teias da razão**: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna. Belo Horizonte: Argumentvm Editora, 2004.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 2 ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. - 5. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GIONGO, I. M. **Disciplinamento e Resistência dos Corpos e Saberes**: Um estudo sobre a educação matemática da Escola Estadual Técnica Agrícola Guaporé. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Unisinos, São Leopoldo, 2008.

JUNGES, D. de L.a V.; WANDERER, F. Discutindo os caminhos metodológicos. In: WANDERER, F.; KNIJNIK, G. (Orgs). **Educação e tecnociência na contemporaneidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

KNIJNIK, Gelsa; WANDERER, Fernanda; GIONGO, Ieda; DUARTE, Claudia Glavan. **Etnomatemática em movimento**. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KNIJNIK, Gelsa. Um modo de teorizar no campo da pesquisa em educação matemática. In: WANDERER, Fernanda; KNIJNIK, Gelsa (Orgs). **Educação matemática e sociedade**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

_____. **A ordem do discurso da matemática escolar e jogos de linguagem de outras formas de vida**. *Revista Perspectivas da Educação Matemática – INMA/UFMS* – v. 10, n. 22 – Seção Temática – 2017.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC. 2008.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA



VEIGA - NETO, A. **Foucault e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2017.

WANDERER, F. **Educação, jogos de linguagem e regulação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução Marcos G. Montagnoli. 9 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista Universitária São Francisco, 2014.